

PIRASSUNUNGA

Todo francano que viajou ao menos uma vez a São Paulo de ônibus tem uma relação com Pirassununga, mesmo que fugaz. Terra do arquiteto Paulo Moreira, que vive exilado na velha Franca, a cidade abriga desde 1957, quando a Viação Cometa começou a operar a linha de ônibus Franca-SP, uma parada no posto de gasolina da cidade às margens da Rodovia Anhanguera, exatamente no meio da viagem. São duzentos quilômetros para lá e para cá. Antigamente o restaurante era o Costa, conhecido como Bosta por suas qualidades intrínsecas. Depois, com as modernidades dos pedágios e da estrada, passou a ser uma dessas redes metidas a besta que pensam estar instaladas em aeroportos internacionais e cobram o cafezinho em dólar.

Pirassununga em tupi-guarani quer dizer “peixes barulhentos” por conta da bela cachoeira das Emas, atração turística local. Entrou cedo na minha vida por conta do professor de português no IETC Assuero Quadri Prestes, um dos grandes professores da escola nos anos 60. Carregava uma pasta e dezenas de livros nos braços e quando entrava fazendo a chamada, já se sabia o que esperar, era uma daquelas aulas e tanto. No entanto, um colega descobriu uma forma de impedir que todas as aulas fossem densas. Logo que ele se sentava à mesa perguntava sobre sua vida em Pirassununga, onde tinha lecionado antes. Aí mudava tudo, ele passava a contar histórias e mais histórias que tinha vivido por lá ou de um cunhado, não lembro com clareza.

O fato é que, anos depois, assisti ao belo filme “Besame Mucho” com Zé Wilker, Antônio Fagundes, Glória Pires, Cristiane Torloni e outros. Baseado numa peça de Mário Prata, o filme relata a trajetória de dois casais de amigos desde o romance no interior, o casamento, o sexo, a carreira profissional, os fatos políticos das décadas de 60 e 70 e como a canção “Besame mucho” interferiu em suas vidas. Ocorre que a parte do interior foi filmada usando como cenário uma escola de Pirassununga com arquitetura magnífica. A cidade foi escolhida porque o diretor do filme Francisco Ramalho Jr. viveu sua infância e juventude na cidade e estudou no Instituto de Educação. Por isso, resolvi entrar para ver de perto a escola.

Pirassununga foi elevada a cidade em 1865 e logo depois recebeu a ferrovia, em 1880. Nos anos 1960, cresceu por sediar a Academia da Força Aérea e instalações militares da FAB (a Esquadrilha da Fumaça) e um campus da USP, atingindo hoje por volta de 77 mil habitantes. O acesso pela rodovia se dá por ampla avenida até o centro histórico, onde está o Instituto de Educação, uma obra prima da arquitetura. Segundo o CONDEPHAAT, “O projeto para a construção da antiga Escola Normal de Pirassununga, em estilo eclético, foi realizado por Carlos Rosencrantz e Achilles Nacarato, em 1912. A planta, em forma de “H”, de grandes proporções, em três pavimentos, possui nas áreas reentrantes das elevações anterior e posterior amplas escadarias, ao nível do primeiro pavimento. Estas elevações são marcadas pela verticalidade proporcionada pelo jogo de segmentos verticais salientes e reentrantes”. Resumindo: é uma beleza. Deu tempo de ver, além da escola, a estação ferroviária da Paulista, está sendo bastante utilizada em atividades culturais e de comércio, mas precisa de um projeto de restauro urgente. Pena que não deu para visitar minha colega arquiteta Deborah Delfino, o tempo urgia. O café fica pra próxima, Deborah.

Mauro Ferreira é arquiteto